

## **Ecos de Desterro em Cruz e Sousa: tensões modernas e realidade social na obra do poeta**

*Echoes of Desterro in Cruz e Sousa: modern tensions and social reality on the poet's work*

Bianca Costi Farias<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca analisar as produções literárias do poeta Cruz e Sousa no recorte temporal da década de 1880, período em que viveu em Desterro, sua cidade natal. Busca-se perceber de que modo essa sociedade aparecia em sua obra, inspirando uma produção crítica ao Império Brasileiro, ao Romantismo e à escravidão, elementos que configuravam o cotidiano desterrense e que lhe eram nocivos. Pretende-se, com isso, perceber sua produção nesta época enquanto uma crítica a essa sociedade, por meio do uso da literatura como fonte histórica e compreendendo o modo como as relações sociais em Desterro influenciam em seus textos, marcados pelo cientificismo, pela busca do progresso e pela modernidade.

**Palavras-chave:** Cruz e Sousa. Modernidade. Desterro. Brasil Imperial.

**Abstract:** This article intends to analyze the literary composing of Cruz e Sousa during the 1880 decade, when the poet lived in Desterro, his hometown. It intends to understand how this society was shown in his work, inspiring a production which criticized the Brazilian Empire, the Romanticism and the slavery, elements that configured Desterro's life and that were harmful to him. The objective is to understand his composing in this period as a critic to this society, using literature as an historical source and understanding the way that the social relations in Desterro influenced his texts, marked by the scientism, the search for the progress and also for the modernity.

**Key-words:** Cruz e Sousa. Modernity. Desterro. Imperial Brazil.

### **Introdução**

Um célebre desterrense, poeta de renome internacional e figura de orgulho para o cenário cultural catarinense: esse é João da Cruz e Sousa. Nascido no ano de 1861, Cruz e Sousa acompanha as décadas finais do período imperial brasileiro e, com seus olhos sagazes e sempre de pena em punho, traduz em escrita os sentimentos que tais anseios por mudanças sociais e políticas, borbulhantes entre os intelectuais do período, lhe despertavam. De modo literário e também jornalístico, o escritor é influenciado pelo contexto em que vive, refletindo em sua obra seus anseios pela chegada da modernidade ao mundo ainda arcaico e influenciado pelo Romantismo que era a cidade de Desterro oitocentista, capital da província de Santa Catarina – atual cidade de Florianópolis.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: biancacof@hotmail.com

Mas tal otimismo e expectativas pelo advento da modernidade não permanece em sua produção durante toda a vida do poeta. Sem sombra de dúvidas, a fase de sua carreira literária com maior repercussão e mais conhecida na Literatura se inicia na década de 1890, quando Cruz muda-se para a Capital da recém-nascida República e vai aderindo, aos poucos, à estética Simbolista. E é na obra poética concebida dentro do simbolismo que se percebe um outro relacionamento com essa modernidade, causado pela profunda decepção que ela traz para o poeta. No Simbolismo, temos um Cruz e Sousa desencantado, pessimista; um Cruz e Sousa que viu seus ideais progressistas e cientificistas sendo deixados de lado no advento da República, que pouco mudou as estruturas sociais que sempre lhe foram opressoras.

Seus escritos realizados antes, nas terras desterrenses, não compartilham de tal desencanto e pessimismo. Nestes, sua produção é marcada por uma ansiedade profunda, pela expectativa do progresso e pela modernidade, baseado no cientificismo oitocentista. Vemos aqui um Cruz e Sousa esperançoso pelo avanço da Nação, militante pelo abolicionismo. O intuito deste artigo é, portanto, analisar o contexto histórico e social desterrense do qual essa produção literária e jornalística foi fruto, percebendo nesses textos as marcas que tal sociedade ia deixando no poeta.

As produções poéticas e em prosa do autor em seus anos em Desterro servirão como fonte para compreender qual era o relacionamento que o autor possuía com a cidade e, principalmente, quais as expectativas que ele tinha com relação a sua modernização. O modo como tais anseios influem em seus escritos servirá para entender melhor essa sociedade desterrense, a partir de sua análise e contextualização. Busca-se, assim, responder à seguinte pergunta, norteadora dessa investigação: como era essa sociedade desterrense do final dos oitocentos para um intelectual negro, e como ele vivenciava a exclusão por ela proporcionada, nutrindo audaciosas expectativas para seu futuro?

### **Um homem negro chamado João**

A história de vida de João da Cruz e Sousa se destaca, geralmente, por desafiar o senso comum a respeito das ideias costumeiramente associadas ao povo negro do século XIX. Desde seus primeiros anos, seus pais, os escravos libertos Guilherme de Sousa e Carolina Eva da Conceição, preocuparam-se muito com a educação dos dois filhos, sempre almejando que pudessem ambos ascender socialmente.

Tal fato pode ser demonstrado pelo grande esforço empregado por Guilherme para matricular as crianças no Ateneu Provincial, escola de renome em Desterro que, apesar de ser mantida pelo poder público, era paga<sup>2</sup>. O ex-escravo entra com um requerimento apelando que seus filhos sejam aceitos na escola, e, para isso, requerendo a um artigo do regulamento interno da escola que dizia que o instituto podia admitir a matrícula de “quatro menores pobres, como pensionistas, seis como meio-pensionistas, e dez como externos, uma vez que sejam de reconhecida inteligência e de família honesta (...)”<sup>3</sup> Guilherme baseia seu pedido no fato de que os filhos haviam sido livres, e mostraram-se crianças de muita inteligência em seu histórico escolar.<sup>4</sup>

A importância deste fato, que para muitos pareceu algo sem muita relevância para o momento, estava na consciência de que Guilherme Sousa ex-escravo tinha de seus direitos, ou melhor, dos direitos de seus filhos, requerendo por meio legal este direito, buscando a possibilidade de letramento o que no futuro poderia possibilitar uma maior mobilidade e ascensão social.<sup>5</sup>

A educação e a criação que Cruz e Sousa recebeu o colocou, portanto, entre o mundo da elite branca intelectualizada e da população de pele negra, excluída e oprimida por estes. Mesmo tendo suas críticas a essa elite, o poeta compreendia que, para alcançar o prestígio e o reconhecimento enquanto um homem de letras, era necessário saber conquistá-las e despertar-lhes o interesse pela sua obra<sup>6</sup>. Portanto, Cruz esforçava-se por se aproximar dessa classe intelectual:

Tornar-se amplamente reconhecido como um autêntico criador de obras de arte literária pressupunha falar para, com e como aqueles que, no seu contexto imediato, atuavam como os árbitros autorizados do gosto. Exigia conquistar a empatia de homens e mulheres que, na cidade, atribuíam-se a função de definidores legítimos do “bom” e do “belo”.<sup>7</sup>

E é também sabido que Cruz e Sousa fomentou, nos anos finais de sua adolescência, uma grande ambição pela carreira literária, almejando um lugar de grande reconhecimento e renome dentre os artistas das Letras. Objetivada atingir sucesso na carreira da escrita, contrariando as expectativas sociais para pessoas de sua raça. Tal ambição pode ter sido influenciada pelo estímulo

---

<sup>2</sup> ESPÍNDOLA, 2006, p. 21

<sup>3</sup> Ibid., p. 22.

<sup>4</sup> Ibid., p. 22

<sup>5</sup> Ibid., p. 22

<sup>6</sup> SOUZA, 2012, p. 55

<sup>7</sup> Ibid., p. 63

que seu pai sempre lhe deu na dedicação aos estudos, levando-o a buscar conquistar para si um lugar neste mundo intelectual e criticando, por vezes, o pensamento considerado por ele como “atrasado”, e que ainda predominaria dentre as elites desterrenses.<sup>8</sup>

Assim, Cruz busca tanto atingir o reconhecimento dos grupos intelectuais quanto criticar essa Desterro que teria um gosto literário “que ainda navegava nas águas cansadas e calmas de um romantismo cinqüentão”<sup>9</sup>. Por este motivo, é característico de suas poesias e artigos jornalísticos escritos nessa primeira fase de sua carreira literária, produzidos na capital catarinense, uma forte presença de um “sentimento de deslumbre com o desenvolvimento técnico-científico, crença arraigada na ideia de progresso, racionalismo, desejo de intervenção pedagógica na sociedade e um materialismo difuso, evadido de um evolucionismo vulgar”<sup>10</sup> Estudar essa produção literária ajuda a entender qual era o relacionamento do autor com tais ideais, bem como a perceber o porquê de seu anseio pelo advento da Modernidade e do progresso à capital catarinense.

### **A História na literatura**

Mas de que modo, afinal, o estudo das poesias de Cruz e Sousa permitiria aumentar a compreensão a respeito da sociedade desterrense na qual o poeta foi criado? É preciso, para isso, avaliar as possibilidades de interpretação e análise dos textos poéticos enquanto fontes históricas, compreendendo-os em seu contexto de escrita e os historicizando.

A partir da Escola dos Annales, no início do século XX, ampliam-se as possibilidades de fontes primárias para se estudar a História. Marc Bloch, em *A apologia da História ou o Ofício do historiador*, nos diz que “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”.<sup>11</sup> Através da contextualização e problematização de qualquer texto ou artefato – como obras de arte, músicas, vestígios arqueológicos, entre outros – pode-se perceber aspectos da conjuntura histórica da qual tais vestígios são provenientes, podendo-se utilizá-los enquanto fontes históricas.

---

<sup>8</sup> ESPÍNDOLA, 2006, p. 36 – 37

<sup>9</sup> Ibid., p. 61

<sup>10</sup> SOUZA, 2012, p. 100

<sup>11</sup> BLOCH, 2001, p. 79

O mesmo pode-se dizer para a literatura. Ao serem empregados como fonte histórica, os textos literários podem falar tanto sobre o contexto social e cultural no qual foram criados quanto sobre seus autores, informando ao historiador o relacionamento entre autor e o meio no qual sua obra é criada.<sup>12</sup> No trabalho com esse tipo de fonte, deve-se refletir “sobre as condições históricas dessa produção, abarcando a figura do produtor, o lugar social de onde se produz, como se produz, as intenções do produtor, as relações de poder que cercam e atravessam a produção e o produto”.<sup>13</sup> E ao ser penetrada pela sociedade e meio cultural de onde provem, bem como pelas relações sociais vividas pelo autor – que influenciam no seu jeito de relacionar-se com o meio e, deste modo, influem em suas obras. A literatura, quando contextualizada, tem muito a dizer tanto a respeito de seu lugar de elaboração, quanto das relações e fenômenos históricos envolvidos nele.<sup>14</sup>

Ao se utilizar a poesia de Cruz e Sousa em Desterro como fonte histórica é possível construir um conhecimento histórico a respeito da sociedade desterrense da época na qual tais textos foram escritos, bem como qual eram as relações sociais vivenciadas pelo autor. O estudo de sua obra permite compreender qual era sua expectativa com relação a esta sociedade, bem como o porquê de possuir tais anseios - que depositava em sua poesia.

### **A Desterro dos oitocentos**

Mas que sociedade era essa na qual Cruz e Sousa cresceu, e que influenciou em suas primeiras produções literárias? Qual era o lugar do autor nessa sociedade, e como tal posição relaciona-se com o modo como ele a enxergava? Tais questionamentos são importantes de serem levantados para se entender as poesias compostas pelo autor na capital catarinense.

A Desterro da segunda metade do século XIX era parte de um país em profunda mudança social, intelectual e cultural. Elizabete Maria Espíndola afirma que:

Cruz nasceu e viveu a partir da segunda metade do século XIX, em um período marcado por intensas mudanças políticas e sociais, ao mesmo tempo em que o Brasil recebia a influência de todo um conjunto de teorias e correntes filosóficas, como o positivismo, o evolucionismo, o materialismo, o liberalismo e as teorias raciais que por aqui aportaram no final do século XIX, contribuindo para um recrudescimento das relações sociais entre

<sup>12</sup> BORGES, 2010, p. 95

<sup>13</sup> BORGES, 2010, p. 95

<sup>14</sup> BORGES, 2010, p. 96

africanos, afrodescendentes e os eurodescendentes, como forma de garantir a estes últimos os seus direitos e privilégio.<sup>15</sup>

A cidade, frente a essa onda modernizadora que, vinda da Europa, assola o Brasil, busca enquadrar-se em tais ideais. Nas últimas décadas do século XIX, a população desterrense vê o crescimento de uma pequena elite ligada ao comércio e à navegação, devido ao crescimento de tais atividades econômicas e da importância do porto da cidade (ESPÍNDOLA, 2006, p. 34). É essa “nova elite” que deseja a incorporação dos ideais modernizadores, muito ligados ao positivismo, aos ideais de progresso e modernização nacional, buscando identificação com os ideais burgueses europeus. Mas este estilo de vida por eles revogado entra em confronto com as famílias tradicionais da cidade, “que preservam uma herança colonial portuguesa, arraigados a um romantismo tardio e renitente.”<sup>16</sup>

Identificando-se com os intelectuais do primeiro grupo, Cruz e Sousa adere às novidades estéticas na literatura, criticando essa elite tradicional e evocando, em suas produções, muito do cientificismo, positivismo e ideais de progresso<sup>17</sup>. Juntamente ao seu amigo e colega de ofício Virgílio Várzea, ele produz o pequeno jornal *O Moleque*, no qual não eram poucas as críticas, ironias e sátiras direcionadas aos políticos e seu descaso com a cidade<sup>18</sup>.

Foi através do jornalismo que estes jovens tentaram imprimir uma consciência crítica acerca do ambiente sócio-cultural de Desterro. Julgavam-se portadores de uma consciência crítica da realidade com base nos postulados da idéia de progresso e racionalidade. Influenciados por um ideário evolucionista e positivista, e pelas concepções do realismo literário, pois nesta época já conheciam Darwin, Spencer e Comte, como veremos mais adiante, tentaram acender algumas concepções, julgavam-se portadores de uma nova consciência crítica sobre a realidade local.<sup>19</sup>

E é também no espaço destes jornais que são levadas a público algumas das produções poéticas de Cruz e Sousa, nesta fase inicial de sua carreira enquanto autor.

## Poesia, modernidade e sociedade

<sup>15</sup> ESPÍNDOLA, 2006, p. 11

<sup>16</sup> ESPÍNDOLA, 2006, pp. 36-37

<sup>17</sup> ESPÍNDOLA, 2006, p. 37

<sup>18</sup> ESPÍNDOLA, 2006, p. 37

<sup>19</sup> ESPÍNDOLA, 2006, p. 39

Surge enfim o grande astro  
 Que se chama Liberdade!  
 Dos sec'los na imensidade  
 Eterno perdurará! (...) <sup>20</sup>

A estrofe transcrita acima dá início ao poema intitulado *Entre Luz Sombra*, declamado por Cruz e Sousa em um festejo em comemoração ao sexagésimo aniversário da Independência, em 1882. O evento era organizado por homens de renome na sociedade desterrense, todos brancos, que se diziam defensores da Liberdade. Talvez por este motivo, a concessão feita a Cruz e Sousa pudesse ajudar a trazer ao evento um ar de liberalismo e modernidade, ao apresentar um poeta negro e filho de ex-escravos como um dos apresentadores.<sup>21</sup>

O que primeiramente chama atenção neste poema é seu caráter bastante nacionalista, exaltando e glorificando tanto o passado quanto o futuro da nação. Mas apesar de serem estas características bastante recorrentes à tradição literária do Império até então,<sup>22</sup> já se percebe, nesse poema, algumas características específicas da produção literária do escritor nessa fase.

Como já dito anteriormente, Cruz e Sousa buscava diferenciar-se das elites tradicionais desterrenses ao ser um defensor da Modernidade, evocando sempre ideais de progresso. Em *Entre Luz e Sombra* pode-se perceber este apelo do autor: Cruz está o tempo inteiro associando a liberdade à luz do progresso, à luz da modernidade. A Independência é um “sol formoso”, que vai libertando os cativos de suas correntes, de seus grilhões. Isso se percebe, por exemplo, na sexta estrofe do poema, transcrita a seguir:

Lançai a luz nesses crânios  
 Que vão nas trevas tombando  
 e ide assim preparando  
 Uns homens mais p'ro porvir!  
 Fazei dos pobres aflitos  
 Sem crenças, lares, proscritos,  
 Uns entes puros, benditos  
 Que saibam ver e sentir!

Aqui, Cruz e Sousa evoca essa luz, relacionada à Independência e ao progresso. Lançada sobre os crânios dos escravos – com relação ao verso anterior, que reivindica a quebra de suas

<sup>20</sup> CRUZ E SOUSA, 1993, p. 302

<sup>21</sup> SOUZA, 2012, pp. 89-90

<sup>22</sup> Ibid., p. 90

correntes, necessária para a glória do país - ela os coloca enquanto parte na nação brasileira. E no verso seguinte, o poeta diz *Do carro azul do progresso/fazei girar essa mola!/Prendei-os sim – mas à escola* (grifos nossos) e afirma, novamente, a necessidade de se trazer esse progresso, essa modernidade para a sociedade brasileira e para o povo negro, libertando-os de um passado obscuro, no qual há a ausência desta luz, deste progresso – e no qual são presos tanto à ignorância quanto à escravidão. Com a modernidade, são presos “à escola”, ao conhecimento, à liberdade. Seria este o contraste entre a luz e a sombra, que intitula o poema: a luz do progresso e da modernidade contra as trevas da dependência, da escravidão.

Podem-se perceber neste poema já alguns aspectos da causa abolicionista, que foi objeto de luta de Cruz e Sousa no período em que residiu em Desterro. Com a Independência do Brasil, não há a abolição da escravatura, e o poeta coloca tal questão quase enquanto um lamento, no final do poema. “Enfim de tudo inda não!”, ele nos afirma. Não há, com a emancipação brasileira frente à metrópole portuguesa, o fim da escravidão; não há emancipação para todos os cidadãos brasileiros: muitos ainda são desprovidos de sua liberdade. O seu desejo pela luz do progresso, que libertaria os escravos de suas correntes, do passado obscuro da nação, não é garantido pela Independência.

Data deste mesmo ano o poema *Sete de Setembro*, no qual Cruz e Sousa, novamente aborda a necessidade da chegada da modernidade e do progresso para o desenvolvimento da nação. Mas aqui também podem ser encontradas suas críticas a essa Independência ainda restrita aos brancos, como nos versos:

Mas embora, meus senhores/se festeje a Liberdade,/a gentil Fraternidade/não raiou de todo, não!; É preciso que essa Deusa,/a excelsa Liberdade,/raie enfim na Imensidade/Mais altiva como sói!; Aguardemos o momento/das mais altas epopeias,/quando o gládio das ideias/empunhar toda a nação!<sup>23</sup>

Mas é a partir dos anos de 1883 e 1884 que Cruz e Sousa, ao realizar viagens pelo Brasil juntamente à Companhia de teatro Julieta dos Santos, entra em contato com as novas correntes estéticas e filosóficas que influenciarão sua produção.<sup>24</sup> É este o período em que Cruz começa a construir sua visão mais crítica a respeito do Império, sua cultura e sociedade, que são ainda muito influenciados pelo romantismo. Inspirado por ideais de um “otimismo e verborragia filosófica da chamada “poesia científica””.<sup>25</sup> O poeta adere de vez à estética moderna, que resulta no livro

<sup>23</sup> CRUZ E SOUSA, 1993, pp. 302-304

<sup>24</sup> SOUZA, 2012, p. 96

<sup>25</sup> Ibid., p. 96



*Cambiantes* – obra redigida durante sua viagem com a Companhia, mas que nunca chega a ser publicada – cujo próprio título já sugere a ideia de mudança, transformação.<sup>26</sup> O soneto *À Revolta*, parte desta obra, traduz bem os sentimentos que inspiram o poeta neste período, como se pode ver na primeira estrofe: “O século é de revolta – do alto transformismo,/de Darwin, de Littré, de Spencer, de Laffite -/ quem fala, quem dá leis é o rubro niilismo/que traz como divisa a bala-dinamite!”.<sup>27</sup> Os poemas presentes em *Cambiantes* caracterizam-se por serem:

composições marcadas por uma retórica grandiloquente, triunfalista e, por vezes, até belicosa. Suas imagens evocam um forte sentimento de deslumbre com o desenvolvimento técnico-científico, crença arraigada na ideia de progresso, racionalismo, desejo de intervenção pedagógica na sociedade e um materialismo difuso, eivado de um evolucionismo vulgar, mais enunciado do que apreendido.<sup>28</sup>

*Ideia-Mãe*, soneto que possivelmente integrou a obra *Cambiantes* e chegou a ser publicado em Desterro em 1883, demonstra bem o clima intelectual que inspirou o poeta. Neste poema, Cruz e Sousa saúda “o templo das ideias” - racionalismo, modernidade e cientificismo, - bem como o advento da modernidade, como se pode ver na seguinte estrofe: “É esse aspirar do séc’lo que deslumbra,/Que rasga da ciência a tétrica penumbra/E gera Vitor Hugo, Haeckel e Littré”.<sup>29</sup>

E é nesse clima de anseio pelo progresso, cientificismo e crítica à cultura imperial e romântica que, juntamente a Virgílio Várzea, é publicada a obra *Tropos e Fantasias*, em 1885. Sua primeira obra publicada caracteriza-se pela semelhança ao Realismo e forte apelo antirromântico.

É sob a égide do escândalo que as novas correntes se desenvolvem no Brasil. O propósito de desvendar os aspectos sórdidos da sociedade resulta em investigações, mesmo no campo do imaginário, acerca das conflituosas facetas das relações sociais envolvendo os diversos segmentos. E, nesse aspecto, o desnudamento da vida cotidiana dos pobres trará o grande debate em torno da moral e dos bons costumes, pois é a partir daí que o conflito de classe torna-se mais presente na literatura, ainda que os pobres fossem tão-somente temas literários, objeto do discurso e não sujeitos, nem tampouco seus destinatários.<sup>30</sup>

*Tropos e Fantasias* é marcado pela postura crítica e afrontosa dos autores quanto a diversos temas presentes na sociedade da época. No conto *A bolsa da concubina*, por exemplo, há uma

<sup>26</sup> Ibid., p. 97

<sup>27</sup> CRUZ E SOUSA, 1993, p. 203

<sup>28</sup> SOUZA, 2012, p. 100

<sup>29</sup> CRUZ E SOUSA, 1993, p. 211

<sup>30</sup> SILVA, 2005, p. 48

crítica explícita ao amor idealizado, cerne da literatura romântica ainda em voga na época. A história narra o casamento entre uma moça “muito limpa sempre, muito aceiada, sabendo ler bem, costurando à noite (...)”<sup>31</sup> e “um pintor boêmio, sem apreço à honra”.<sup>32</sup> Embora a união tenha iniciado com amor, o comportamento do esposo vai levando ao desgaste da relação, mesmo que a pobre mulher muito se esforce para ignorá-lo: “A honesta mulher sabia de tudo, mas ah! Grande luz do seu imenso coração, envergonhava-se, não queria escândalos, chorava no escuro, baixinho, toda pesarosa, toda magoada (...)”.<sup>33</sup> E, como se não bastasse, o filho do casal é uma criança doente, pequenina para a idade e de traços desagradáveis - mesmo que, aos olhos da mãe, seja uma perfeição. Por meio da ironia, o conto critica as relações conjugais, explicitando como estas estavam sujeitas ao desgaste. Vai claramente de encontro aos ideais pregados pelos autores românticos - representados no conto pela personagem da esposa, que busca apoiar-se no amor e em suas próprias ilusões para manter a união conjugal.

A postura antirromântica de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea possui um cunho crítico e político. O romantismo, durante o período monárquico brasileiro, moldou as práticas e comportamentos sociais, legitimando as relações hierárquicas da sociedade, além de buscar construir o nacionalismo brasileiro – por meio, principalmente, do romantismo indianista.

E é devido ao sentido eminentemente conservador que assumiu o romantismo na tradição imperial brasileira que a adesão à estética naturalista e parnasiana, realizada por muitos escritores como João da Cruz e Sousa no início da década de 1880, pode ser vista, também, como um gesto prenhe de significado ideológico. É devido ao caráter legitimador da ordem conservadora, assumido pelo romantismo ao longo da Regência e do Segundo Reinado, que a subversão do cânone romântico se faz, também, em alguma medida, a subversão dessa ordem conservadora. Desse ponto de vista, toda a crítica ao modelo estético romântico pode ser compreendida também como uma crítica mediada ao sistema imperial. Ser antirromântico, naquele contexto, significava questionar, mesmo que indiretamente, o mundo que aquele modelo estético ajudava a legitimar. Era, portanto, mais do que uma opção estritamente intelectual. Era, também, um ato manifestadamente político.<sup>34</sup>

Também presente na obra *Tropos e Fantasias*, o conto *O padre* apresenta uma visão crítica a outra instituição que constituía um dos pilares do Império: a escravidão. Traz a história de um

<sup>31</sup> CRUZ E SOUSA; VÁRZEA, 1994, pp. 48-49

<sup>32</sup> Ibid., pp. 48-49

<sup>33</sup> CRUZ E SOUSA; VÁRZEA, 1994, p. 50

<sup>34</sup> SOUZA, 2012, pp. 92-93

padre católico possuidor de escravos, o que, na visão dos autores, representa uma enorme contradição: como um pregador dos sacros preceitos da Igreja pode participar das atrocidades causadas pelo sistema escravocrata? O texto é, portanto, uma afronta abertamente direcionada à Igreja Católica, e sua postura escravista.<sup>35</sup> Cruz e Sousa era defensor de uma visão humanista do cristianismo, enxergando uma incompatibilidade a religião e a escravidão e condenando o conservadorismo clerical.<sup>36</sup> Pode-se ver sua postura inconformada com tal realidade, por exemplo, neste trecho do conto:

Um padre, o apóstolo da igreja, que deveria ser o arrimo dos que sofrem, o sacramento da bondade, o amparo da inocência, o atleta civilizador da cruz, a cornucópia do amor, das bênçãos imaculadas, o reflexo do Cristo...  
 Um padre que comunga, que bate nos peitos, religiosamente, automaticamente, que se confessa, que jejua, que reza o *Orate fraters*, que prega os preceitos evangélicos (...)  
 Um escravocrata de... batina e breviário... horror!  
 Fazer da igreja uma senzala, dos dogmas sacros leis de impiedade, da estóla um vergalho, do missal um prostíbulo...<sup>37</sup>

A luta abolicionista constituiu uma importante parte da carreira literária de Cruz e Sousa durante sua vida em Desterro. Percebendo a escravidão enquanto um sistema que apenas atrasava a economia e a sociedade brasileira de modo geral, além de sofrer na pele as consequências geradas de tal sistema, o poeta utiliza sua produção literária também enquanto palco para militância. E pode-se muito bem caracterizar a sociedade desterrense oitocentista como racista, propagadora do discurso preconceituoso do qual Cruz era também vítima.

(...) a realidade de Desterro se inseria no conjunto da sociedade brasileira e esta, por sua vez, não se isolava do movimento histórico mais amplo do que foi o século XIX. Expresso de inúmeras maneiras, esse racismo se diluía e se naturalizava nas relações cotidianas mais prosaicas. Nesse contexto, o ambiente ideológico com o qual Cruz e Sousa precisava lidar era um espaço onde, por exemplo, o matiz da pele servia como o principal critério utilizado para a avaliação intelectual do outro. O pressuposto da debilidade mental associada à condição social e à cor era um preconceito tão arraigado, sobretudo entre as elites brancas, que pautava, inclusive, as discussões públicas entre os adversários políticos.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> SILVA, 2006, p. 81

<sup>36</sup> SOUZA, 2012, pp. 115-116

<sup>37</sup> CRUZ E SOUSA; VÁRZEA, 1994, p. 57

<sup>38</sup> SOUZA, 2012, p. 72

Não é de se surpreender, portanto, que Cruz e Sousa, ao ter uma produção tão crítica a sociedade em que vive, defenda uma postura anti-escravocata e a favor do abolicionismo. O atraso da sociedade brasileira - e, por consequência, desterrense - oitocentista, ainda presa ao romantismo, a hierarquização social e ao racismo, é também algo atroz ao poeta. É, aos seus olhos, a responsável pelo impedimento a sua ascensão enquanto escritor e artista, já que esta sociedade arcaica permitiria a propagação dos ideais que levam-no a ser desqualificado apenas por conta de sua pele. E, por este motivo, Cruz a combate em sua produção literária, aspirando à chegada do modernismo que, por sua vez, o libertaria.

### **Considerações finais**

Por meio dessa pesquisa, buscou-se demonstrar que o trabalho literário que Cruz e Sousa redige em seu início de carreira apresenta uma visão crítica à sociedade do Brasil Imperial, cujos ideais ainda influenciados pelo Romantismo e pelo preconceito racial repercutem em Desterro. E é essa a Desterro que aparece nas obras do poeta: enquanto ainda presa às velhas ideias que, por vezes, lhe são violentas, torna-se alvo de suas críticas.

Foi esta mesma busca pela modernidade que leva Cruz e Sousa a, em 1888, abandonar Desterro em busca de uma vida nova na capital do Império. Pois o Rio de Janeiro era, no período, uma sociedade em intensa transformação, que buscava superar o passado colonial e o predomínio senhorial.<sup>39</sup> Para o poeta, essa atmosfera modernizante possibilitaria sua chegada ao sucesso, algo que Desterro sempre lhe proibira. O desapontamento, no entanto, é grande: a capital também não é favorável a um intelectual negro, mesmo após o abolicionismo e a proclamação da República - símbolos de modernidade defendidos pelo poeta em sua produção literária anterior. Tal desencanto repercute em sua adesão à estética Simbolista, extremamente pessimista e mórbida, o que rende ricas possibilidades de estudos futuros.

Através do trabalho de Cruz e Sousa, pode-se obter um retrato da sociedade em que ele viveu e que penetra em seu trabalho. Suas vivências e experiências sociais influenciam em seu olhar poético; o mundo em que ele viveu, com suas transformações e expectativas, traduzem-se em literatura.

---

<sup>39</sup> ESPÍNDOLA, 2006, p. 89

## Referências bibliográficas

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 79

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, v. 1, n. 3, p.94-109, jun. 2010.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. **Cruz e Sousa: modernidade e mobilidade social nas últimas décadas do século XIX**. 2006. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Fátima Maria de. A correspondência do poeta Cruz e Sousa como memória da exclusão. **UCSal**, v. 19, n. 3, p. 121-134, Salvador, out., 2014.

RIGHI, Volnei José. **O poeta emparedado: tragédia social em Cruz e Sousa**. 1006. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, Luiz. **A consciência do impacto das obras de Cruz e Sousa e Lima Barreto**. 2005. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOUZA, Luiz Alberto de. **A cor e a forma: História e literatura na obra do jovem Cruz e Sousa (1861-1888)**. 2012. 370 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

## Fontes primárias

SOUZA, Cruz e; VÁRZEA, Virgílio. **Tropos e Fantasias**. BRASIL: Ministério da Cultura, 1994. 71 p.

SOUZA, Cruz e. **Cruz e Sousa: poesia completa**. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (introdução e organização). Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1993. 432 p.

**Data de envio:** 5 de novembro de 2018

**Data de aceite:** 05 de fevereiro de 2020